

À Comunidade da Faculdade de Educação da UFMG:

Caros colegas, diijo-me a todas e todos, para tornar pública, neste espaço democrático de manifestação e debate dos diferentes segmentos que compõem esta instituição, a escrita a mim dirigida, registrada em espaços coletivos da Faculdade.

Fui informada que no banheiro masculino do terceiro andar foi escrito: “CRIS GOUVEIA RACISTA”

Como é característico nas escritas de banheiro, não traz assinatura, o que me impede de dirigir-me diretamente ao autor, escrevendo aos eventuais leitores, tanto na esperança que chegue àquele(a)s que assim se manifestou(ou manifestaram), quanto com o propósito de discutir o teor desta manifestação.

Antes de mais nada, reitero que não vejo problema maior nn pixo, muito menos no grafitti e nem nas escritas de banheiro(já orientei dissertação que tinha um capítulo a respeito desta última). Entendo-as como manifestações nos espaços públicos, que fazem parte da cena social(graffitis e pixos estavam presentes em Pompéia, como nas escritas nas cavernas, primeira expressão de arte visual). Sem esquecer da força da frase: É proibido proibir, espalhada nas cidades brasileiras em 1968. Pessoalmente, já pixei muros durante a ditadura e fui feliz destinatária de uma mensagem de amor em um muro da cidade na década de 1980.

No entanto, o sentido dos pixos e graffitis não é unívoco. Temos que manter na lembrança as perturbadoras imagens de Estrelas de David pixadas nas portas das casas da população judaica na Alemanha, por pessoas comuns, integrantes da mesma coletividade. Ou, trazendo para o contexto da Fae, a suástica escrita em cartazes do Encontro Nacional de Transexuais, que aqui ocorreu em 2012, corretamente denunciado pelos participantes do evento.

Gostaria de analisar a escrita a mim dirigida entendendo-a , não como manifestação artística, nem expressão de um ideário político afinado com a democracia e liberdade, muito menos como expressões de amor.

Temo dizer que se aproxima mais das manifestações fascistas acima citadas. Porque? Porque tanto a palavra JUDEU escrita na casa de moradores, quanto a suástica nos cartazes, como a escrita: CRIS GOUVEIA RACISTA não visam o exercício democrático do diálogo. Têm em vista, atribuir a um sujeito de quem falam um determinado rótulo, produzir um lugar a partir do qual este deva ser significado anulando-o como sujeito: CRIS GOUVEIA, RACISTA

Ao ser assim nomeada, fiquei inicialmente perplexa. Tenho uma história em que a reflexão, produção acadêmica e militância contra o racismo fazem parte da minha trajetória e identidade. Devo isto, em larga medida, ao aprendizado na Faculdade de Educação. Especialmente aos amigos Nilma Gomes e Luis Alberto Gonçalves, que sempre aliaram a luta incondicional contra o racismo ao respeito à diversidade de idéias e posições

Assim, ao me deparar com esta inscrição, me vi diante de um autor que, na proteção do anonimato, não produzia uma argumentação que sustentasse sua acusação. A intenção era, como toda prática fascista, um asujeitamento do outro, buscando produzir um efeito de verdade, a partir de uma adjetivação: CRIS GOUVEIA RACISTA

Tal escrita, como prática fascista, ao negar o diferente, impossibilita a diferença e afirma-se como único discurso verdadeiro. Ao mesmo tempo, busca tornar seu autor(ou autores), o portador da verdade. Seu destinatário não é apenas aquele a quem nomeia. Seu destinatário é qualquer outro que queira se contrapor à sua verdade, ou à sua posição de autoridade, ainda que anônima.

Não é casual que a escrita a mim dirigida tenha sido acompanhada de outra, noutro banheiro: TODO PROFESSOR QUE SE CALA SOBRE RACISTA, É RACISTA. O autor não define o que é calar ou falar. Mas se coloca na posição de quem define, avalia e julga o silêncio e a fala.

As mensagens dirigem-se, portanto, não apenas a mim, mas a qualquer um que o autor considere não corresponder à sua verdade, tornada absoluta. Racismo é crime e assim deve ser tratado. Se o autor escrevesse adjetivos comuns neste espaço do banheiro para me definir, não estaria aqui discutindo a questão. O faço porque o autor me acusou de um crime, na ausência de qualquer evidência que sustente sua acusação. Isto me nega como sujeito, nega minha prática, nega minha história. NÃO ACEITO!

Não quero que a frase seja apagada. Nem que meu cartaz seja rasgado. Quero que tais mensagens fiquem ali gravadas para que, ao vê-las, possamos ter em mente que o fascismo é, no feliz título de filme de Bergman, um “Ovo da serpente”. Se não o denunciarmos, se não o confrontarmos publicamente, ele choca e cresce. Lutar contra racismo é também lutar contra a apropriação do termo, usado como estratégia de expressão da intolerância e silenciamento das diferenças.

Maria Cristina Soares de Gouvea

Professora Faculdade Educação UFMG